



A FORÇA DA MARÉ

Submetido a doses diárias de violência, o conjunto de favelas é também palco de ações com a UFRJ há 35 anos. Parceria tem trazido avanços em diversos campos

Páginas 4 e 5

#24J
24 DE JULHO
SÁBADO
10H

CONCENTRAÇÃO
NO MONUMENTO
ZUMBI



EM DEFESA DAS
UNIVERSIDADES E
DO SERVIÇO PÚBLICO

#VACINA NO BRAÇO, COMIDA NO PRATO

EDITORIAL

MAIS UM DIA NAS RUAS, MAIS UMA SEMANA DE PRESSÃO

DIRETORIA

Ministério Público exigindo aulas presenciais no Rio de Janeiro, pronunciamento em rede nacional do ministro da Educação na TV: armam o espetáculo, mas não providenciam o palco. Esse pode ser o resumo da semana: aumenta a pressão para o retorno às atividades didáticas presenciais, mas nenhuma palavra sobre os recursos para que estas sejam planejadas com segurança. A UFRJ vem há meses enfrentando esse desafio, sabemos o custo que será adaptar e garantir as condições sanitárias para a realização das atividades presenciais. Mas a recíproca não é verdadeira: governo e Judiciário tentam jogar a responsabilidade no colo das instituições, mas não há até agora nenhum sinal do aporte de recursos necessários para que a universidade possa planejar um retorno seguro, tendo como parâmetros os indicadores científicos de biossegurança.

Até aqui, nenhuma surpresa. Um governo que tratou a compra de vacinas da forma como está sendo trazida a público pela CPI e que distribuiu “kits de tratamento da covid-19” sem comprovação científica, enquanto a população doente de Manaus morria asfixiada, não teria mesmo qualquer compromisso em garantir um retorno seguro, que respeite os protocolos sanitários. Não precisamos de nenhuma tutela. Nossos colegas estão discutindo quais são as prioridades, e já temos o retorno de algumas disciplinas práticas. O Consumi irá se debruçar sobre a resolução 07 de 2020, que trata das atividades remotas na UFRJ. Estamos participando e acompanhando todas essas discussões, com a seriedade que o tema exige. Não aceitaremos acoadamentos que coloquem



FERNANDO SOUZA

a população em risco, manteremos firmes os princípios que regeram nossas ações desde março de 2020.

Ao mesmo tempo, o governo tenta emplacar sua política de destruição nacional. Desregula, não multa, não controla ações predatórias do meio ambiente, mas impõe sistemas cada vez mais eficazes para o controle e subordinação dos servidores públicos. Nessa esteira, tenta emplacar uma reforma administrativa que descaracteriza o Estado brasileiro e suas instituições. Não existe a possibilidade que uma pauta de tal forma antipopular prospere. Tanto é que também começam a surgir delírios autoritários dos militares no poder. Ameaças obscenas em plena luz do dia passam a fazer parte de nosso noticiário. Embora pouco críveis, são sempre preocupantes.

Por tudo isso, e por muito mais que não cabe nesse

editorial, nos mantemos participando de forma ativa e determinante para a realização dos atos da campanha nacional #ForaBolsonaro. Precisamos que ela se amplie ao máximo, que seja de cada um e de todos nós. Precisamos dar forma e cor à nossa insatisfação. Precisamos estar juntos e fortes, porque não temos dúvida de que o que está sendo jogado nesse momento é a nossa sobrevivência — seja como instituição pública, seja como nação democrática. Por isso, iremos às ruas mais uma vez, em 24 de julho, às 10 horas, em frente ao monumento Zumbi dos Palmares.

DUAS DESPEDIDAS

A semana também nos marcou com duas despedidas. Ildeu de Castro, professor do Instituto de Física, concluiu seu mandato à frente da SBPC. Sustentou um importante trabalho, justo quando o país se viu diante da maior crise sanitária de sua história e de uma forte campanha negacionista e com grandes ataques à Ciência e aos e às cientistas. A ele, nosso agradecimento pela parceria constante e o nosso reconhecimento pelo excelente trabalho realizado.

E, no âmbito da diretoria da AdUFRJ, nos despedimos um pouco precocemente do nosso tesoureiro, Josué Medeiros, professor do IFCS, que assumiu o cargo de assessor de Relações Parlamentares da reitoria. Dissemos um pouco precocemente porque em breve todos nós também estaremos nos despedindo desse nosso mandato, que, por força da pandemia, foi quase que integralmente virtual. Mas não poderíamos deixar de registrar aqui o quanto foi importante para nós tê-lo conosco nesses quase dois anos de trabalho. Inventar um sindicato on-line não foi fácil, e sem ele teria sido ainda mais difícil. Temos a certeza de que a sua batalha em defesa da universidade pública não esmorecerá, ao contrário, encontrará novas fronteiras de ação.

AGENDA

QUINTA-FEIRA . 29/07 . 18h30

CINEADUFRJ DEBATE O NEGACIONISMO DA VACINA NA PRÓXIMA SESSÃO

Na próxima quinta-feira, 29, a partir de 18h30, o CineAdUFRJ debate o tema “Negacionismo da Vacina”. Foram convidados a epidemiologista e professora da UFRJ, Lígia Bahia, a historiadora Eliza Vianna, do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e o crítico de cinema Francisco Carbone.

O cine, que chega à 21ª sessão durante a pandemia, é um encontro virtual organizado pelo sindicato e pelo Grupo de Educação Multimídia (GEM), da Faculdade de Letras. Os participantes discutem temas da atualidade a partir da sétima arte.

E, no encontro da semana que vem, serão discutidos os filmes “Sonhos Tropicais”, de André Sturm (2001), “Contágio”, de Steven Soderbergh (2011), e



“Vaxxed”, de Andrew Wakefield (2016). Os longas-metragens abordam o negacionismo em crises sanitárias de grandes proporções, a partir de diferentes percepções.

OS FILMES

SONHOS TROPICAIS

É um filme brasileiro de 2002, dirigido por André Sturm. Uma imigrante judia vinda da Polônia precisa virar prostituta ao não conseguir um casamento. Enquanto isso, o médico sanitário Oswaldo Cruz se envolve no que viria a ser conhecido como a Revolta da Vacina.

CONTÁGIO

É um filme estadunidense de 2011 dirigido por Steven Soderbergh e protagonizado por Matt Damon. Seu enredo trata da propagação de um vírus e das tentativas de pesquisadores, médicos e funcionários de saúde pública para identificar e conter a doença, da consequente perda de ordem social com o avanço da pandemia e a introdução de uma vacina para impedir sua propagação.

VAXXED: FROM COVER-UP TO CATASTROPH

É um filme americano de 2016, conhecido como propaganda da pseudociência, que alega um encobrimento pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças de uma suposta ligação entre a vacina MMR e o autismo.

■ O PROGRAMA ADUFRJ NO RÁDIO desta semana recebe os professores Eleonora Ziller e Josué Medeiros, diretores do sindicato, para falar da ação do Ministério Público Federal do Rio. O MP quer obrigar as universidades, institutos e escolas federais do estado a retornar as aulas presenciais. Já a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) tem um novo presidente, o professor Renato Janine Ribeiro (USP), ex-ministro da Educação. O programa faz um balanço da gestão anterior e pensa nos desafios da nova presidência. Na política, Bolsonaro e o fundo eleitoral. O presidente vai vetar o projeto da Câmara e entrar em atrito com o centrão? O AdUFRJ no Rádio vai ao ar todas as sextas-feiras, às 10h, com reprise às 15h.



SEJA BEM-VINDO, 2021

> Com cuidados sanitários e zelo pela saúde da comunidade, UFRJ inicia o 2021.1 de forma virtual. Odontologia, Medicina e Química oferecem 13 disciplinas práticas presenciais

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Na mesma semana em que o ministro da Saúde afirmou que “é inconveniente” esperar que todos os professores estejam vacinados para retornar às aulas presenciais, os docentes, estudantes e técnicos da UFRJ mostraram que não inventam atalhos à Ciência e que respeitam a vida. O primeiro semestre acadêmico de 2021 começou de forma remota. Já há, no entanto, um pequeno ensaio para a retomada de algumas disciplinas práticas, obedecendo rigorosos protocolos de segurança sanitária. Por enquanto, com bastante parcimônia: apenas 13 disciplinas da Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia e Instituto de Química. Há 7.810 disciplinas com carga horária prática nos 172 cursos presenciais da universidade.

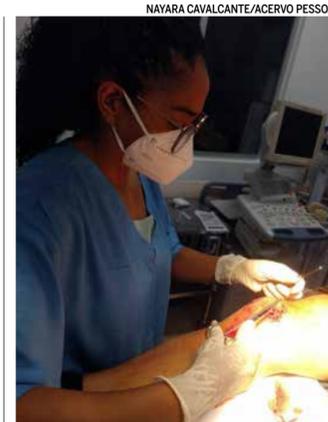
“Precisamos trabalhar em conjunto com todos os segmentos, com o olhar vigilante e o tempo todo. O desafio é diário”, afirma a professora Márcia Grillo, diretora da Odontologia. A unidade obteve autorização do Conselho de Ensino de Graduação (CEG) para formar 17 alunos, no semestre letivo passado.

Eles estavam entre os 40 estudantes que participavam do estágio em clínica odontológica na própria faculdade, no semestre retrasado. Todos foram testados antes e tomaram a primeira dose da vacina para a covid-19 em janeiro de 2021, na UFRJ. Uma parte se formou em março, mas esses 17 estavam devendo duas disciplinas teórico-práticas. Após aprovação do CEG, os remanescentes concluíram o curso em 2020.2.

A diretora explica que não foi registrado nenhum caso grave de infecção nesse retorno. Quem aparece com sintomas de covid-19 é imediatamente afastado e encaminhado para testagem no Centro de Triagem Diagnóstica (CTD) da UFRJ, no CCS. “A biossegurança é muito rígida na Odontologia”.

Esta segurança que alimenta novas empreitadas. Para 2021.1, foi solicitado retorno presencial para outras disciplinas teórico-práticas do sétimo, sexto, quinto e quarto períodos, no formato híbrido. A solicitação ainda está em fase de apreciação, no CEG.

Márcia observou muita ansiedade entre os alunos que retomaram às atividades práticas, mas também viu uma satisfação muito grande da comunidade



NAYARA CAVALCANTE/ACERVO PESSOAL



DIVULGAÇÃO/ODONTOLOGIA



DIVULGAÇÃO/DIREÇÃO DO IQ

MEDICINA, ODONTO E QUÍMICA. Aulas práticas presenciais em 13 disciplinas seguem rígidos protocolos de segurança da universidade. CEG precisa autorizar plano de retorno

nos últimos meses. “Como diretora, a emoção maior foi quando, em março, formamos a primeira turma depois do início da pandemia. Uma formatura online, evidentemente. Finalizar essa missão foi muito importante para os docentes”, disse.

MEDICINA AMPLIA RETORNO

Na Faculdade de Medicina, o retorno presencial é um pouco mais robusto. Os estudantes do internato, ou estágio obrigatório de final de curso nas unidades de saúde, que já haviam voltado às atividades presenciais no ano passado, ganharam agora a companhia dos colegas do sexto e do sétimo períodos. A direção da faculdade não retornou os diversos contatos da reportagem do **Jornal da AdUFRJ** para avaliar a situação do curso.

Depois de uma experiência voluntária ainda no período anterior, passou a ser cobrada a presença dos alunos desde 21

de junho — o calendário do curso é mais extenso. A pró-reitoria de Graduação informou que são nove disciplinas em andamento. Em média, com 93 alunos inscritos em cada uma.

A professora Márcia Garnica, coordenadora do módulo de Clínica Médica do sétimo período, explica o planejamento para comportar as aulas práticas do curso no hospital universitário, com o mínimo de pessoas em cada ambiente. Novos ambulatórios foram abertos para a área acadêmica e uma parte dos alunos está sendo deslocada para unidades de saúde fora do HU, na parte de medicina de família. “Com isso, conseguimos manter a mesma carga horária de prática que a gente tinha antes”, comemora Márcia. A parte teórica continua sendo oferecida em meio remoto.

Os alunos já foram vacinados com a primeira dose no centro de testagem da universidade, no CCS. E, assim como

na Odontologia, quem apresenta algum sintoma respiratório é afastado e encaminhado para a testagem. Márcia não tem registro de casos graves até agora.

Também da Medicina, a professora Lucila Perrotta enfatiza que a retomada é um processo recheado de dúvidas. Mesmo para situações que seriam simples antes da pandemia. “Às vezes, você não reconhece quem foi seu aluno no período passado”, diz, em referência às aulas remotas. Mas também existe o outro lado da moeda. Recentemente, três estudantes foram ao encontro dela no hospital. “Elas falaram: ‘professora, a gente veio te conhecer pessoalmente’. É o reconhecimento do seu trabalho”, orgulha-se.

Após quase um ano e meio em aulas online, o estudante Gabriel Romão, do sétimo período, também destacou a retomada do contato com os pacientes. Ele e os colegas estavam preocupados com uma eventual falta de prática, antes de chegarem ao internato. “Foi legal voltar. A gente só estava vendo caso clínico que um professor apresentava, mas a gente não participava realmente”.

QUÍMICA COMEÇA A VOLTAR

“Começar pequenininho, muito controlado e a partir daí ampliar”. Segundo o diretor do Instituto de Química, professor Cláudio Mota, essa foi a ideia que norteou a retomada de duas disciplinas práticas presenciais dos cursos da unidade, no dia do fechamento desta edição. A experiência servirá de base para a volta de mais aulas, no próximo semestre letivo.

Por enquanto, serão apenas quatro alunos, quatro professores — em rezoamento — e um técnico utilizando as instalações de três laboratórios, que foram classificados como de baixo risco para contágio por Covid. Seis terceirizados da limpeza darão apoio às atividades. E todos foram testados na manhã antes da aula. “O laboratório do meio vai funcionar como apoio e ponto de saída”, explica o diretor. Todo o trajeto até as salas e para os banheiros já foi sinalizado, com avisos e indicativos de distanciamento entre as pessoas. “A decanacia do Centro de Tecnologia (onde fica o IQ) está nos dando todo o apoio”, diz Cláudio. “Importante ser frisado que não foi imposto nada. Temos uma comissão interna de planejamento. Isso tudo foi muito discutido nessa comissão”.

O DCE Mário Prata está atento ao retorno gradual das aulas. “Havendo vacinação, a retomada do bilhete único universitário e condições sanitárias, vamos retornar aos poucos e com segurança”, diz a diretora estudentil Antônia Velloso.

“CALOUROS” JÁ TIVERAM AULAS ONLINE NO ENSINO MÉDIO

Enquanto uma pequena parte dos alunos começa a participar de aulas da graduação nos campi, a maioria voltou a encarar apenas as telinhas de computador e de celular. Uma dura realidade que muitos dos atuais “calouros” já conheceram no ensino médio.

Igor Marques de Carvalho, 18 anos, passou para o curso de História. O último ano em um colégio particular de Cabo

Frio transcorreu praticamente todo em meio remoto. As aulas presenciais pararam pouco depois do carnaval. Agora na universidade e morando na Tijuca, o estudante iniciou o ensino online na semana passada. “É uma frustração muito grande. A situação poderia ser evitada”, afirma, em referência aos desmandos do governo federal.

No Rio, a população com 18 anos ou mais deve ser imunizada

até 18 de novembro. Mas o jovem, que demonstra estar consciente das dificuldades orçamentárias da UFRJ, está cauteloso quanto a um retorno presencial ainda em 2021. “Tem a questão das verbas também, que estão congeladas. Sem elas, não teria como”, diz Igor, que pretende ingressar na área de pesquisa da universidade. Giovanna da Silva Araújo, também de 18 anos, passou para a Fonoaudiologia, após cursar um

pré-universitário em meio virtual desde março de 2020. Hoje morando em Belford Roxo, a estudante só conhece o Fundão de uma excursão escolar realizada no ano retrasado. “A gente perdeu aquela parte inicial, mais empolgante, do trote”, lamenta.

Mas nem tudo se perdeu desta primeira vivência universitária. Giovanna conta que os veteranos organizaram um trote virtual em que os “calouros” eram orienta-

dos a se pintar e postar a foto no Instagram.

A jovem está gostando do ensino online até o momento. “Mas estou achando bem ‘puxado’”, brinca. E sonha com o dia em que poderá ter aulas presenciais e fazer um estágio no hospital universitário. “Ontem, tivemos Anatomia online. Quem é da área de saúde quer ir ao laboratório, vestir o jaleco, mexer nas peças”, conclui.



MARÉ 35 +UFRJ ANOS

> Campus vicinal da UFRJ desde 1986, a Maré abrange 16 favelas que compartilham dores, sonhos e uma extraordinária capacidade de resistência e de mudar a si mesma e à própria universidade

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

*“E a cidade que tem braços abertos
Num cartão postal
Com os punhos fechados da vida real
Lhes nega oportunidades
Mostra a face dura do mal”.*

A canção “Alagados”, dos Paralamas do Sucesso, é de 1986, mesmo ano em que o Conselho Universitário, sob a gestão do reitor Horácio Macedo, aprovou que a Maré, musa da obra de Herbert Vianna, João Barone e Bi Ribeiro, se tornaria campus vicinal da UFRJ para projetos de pesquisa e extensão. Era uma das primeiras decisões formais de uma universidade que não queria mais estar de costas para a vida real da favela vizinha. Ao contrário, queria contribuir para a criação das necessárias oportunidades de desenvolvimento e acesso a bens e direitos historicamente negados à população mais pobre.

Um desses direitos negados é a segurança. Na sexta-feira passada (16), a Maré viveu mais um episódio de violência promovido pelo Estado. A operação policial durou mais de 30 horas. Voos rasantes de helicóptero, tiros, caveirão, correria e, por fim, o silêncio denunciador do medo marcaram o final de semana de mais de 50 mil moradores das favelas do Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda e Parque Maré, locais onde a mega operação se concentrou. Ao todo, a Maré reúne 16 comunidades e possui mais de 130 mil habitantes, segundo o último Censo Maré, de 2010. Aliás, a primeira censo da região partiu da UFRJ e foi realizado em 1987, com a participação de estudantes, professores, técnicos e moradores.

Em mais de 30 anos de iniciativas, os frutos são evidentes. Se até os anos 1980 o que acontecia na Maré era algo apenas externo à universidade, a realidade passou a mudar gradativamente nas últimas décadas. “Os problemas da Maré são cada vez mais



Para nós, moradores de favelas, a educação é a única ferramenta concreta de transformação. Você consegue alcançar lugares que você não sonhava antes”

RAYANNE SOARES
Moradora da Maré e aluna da UFRJ

problemas da UFRJ. Muda completamente nossa perspectiva quando a gente sabe que um aluno está debaixo da cama tentando se proteger das balas, no horário da aula. Como dar um conteúdo se meus alunos não estão em condições emocionais de acompanhar, porque estão tentando sobreviver a uma situação de violência?”, questiona a presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, da Faculdade de Letras. “Hoje a Maré está na universidade. É outra relação, outro envolvimento”, acredita a professora.

“Eu moro no Parque Maré, numa rua que é conhecida como ‘Iraque’. Quando tem operação na favela, a gente precisa se esconder para não morrer, não tem como sair”, destaca o estudante Raniery Soares, de 24 anos. Aluno da Letras, ele conta que, apesar de cursar o sétimo período da graduação, ainda tem disciplinas dos períodos iniciais da faculdade. “Mesmo estudando ao lado de casa, muitas vezes eu fiquei preso por conta das operações. Sobre tudo 2018 foi um ano muito violento e acabei reprovado em algumas matérias”, justifica.

Segundo levantamento realizado pela ONG Redes da Maré, em 12 anos de vida escolar, crianças e adolescentes perdem um ano inteiro de aulas por conta dos conflitos armados causados, principalmente, por operações policiais e, em menor grau, por disputa de territórios entre grupos armados. “O Estado não permite que a gente tenha o acesso completo à educação”, afirma Raniery. “Eu entrei por cotas de escola pública. As cotas são fundamentais para o acesso, mas a gente ainda tem um déficit de aprendizado muito grande”, reconhece. “Quando eu chego à universidade, tenho um ano a menos de aprendizado formal que meus colegas que não moram em favelas”.

Como boa parte dos moradores da Maré que conseguiram acessar o ensino superior, Raniery é o primeiro de sua família a cursar uma universidade. “Minha família sempre teve a UFRJ como a melhor, diziam que eu precisava entrar lá para ser alguém”, diz. “Aos quatro anos de idade, eu fiquei internado por seis meses no hospital infantil. Então, minha relação com a UFRJ sempre existiu, desde a infância”.

MUDANÇA DE VIDA

Para Raniery, estar na universidade é ter a oportunidade de mudar de vida. “Eu sou gay e sair da favela, por exemplo, é sair da influência do fundamentalismo religioso. É uma libertação”, considera. “Por outro lado, é um peso também. É a única possibilidade de mudar de vida. O estudante de baixa renda já entra com essa cobrança nas costas. A única chance de eu conseguir garantir a velhice da minha mãe é ter uma boa formação universitária”.

Rayanne Soares, também de 24 anos, concorda. “Para nós, moradores de favelas, a educação é a única ferramenta concreta de transformação. Você consegue alcançar lugares que você não sonhava antes. Educação é emancipação e o ensino superior é uma garantia de você mudar minimamente o lugar em que você está”, afirma. “A universidade democratiza o acesso a coisas que outras pessoas tiveram a vida toda, como cultura, literatura, línguas estrangeiras...”

Quando terminou o ensino médio, em 2015, Rayanne deu à luz seu filho. E só conseguiu ingressar na universidade em 2019.2, no curso de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social. “Eu me matriculei no dia 25 de julho, dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Eu, mais uma mulher preta, ocupei a universidade naquele dia tão simbólico”, orgulha-se.

Além da mudança de vida e de perspectiva que já experimenta, Rayanne quer mudar a vida de mais e mais pessoas à sua volta. “A UFRJ ainda não é plenamente acessível a todos. Os nossos ainda não estão lá em peso”, declara a estudante. “Eu escolhi Gestão Pública não à toa. Esse recorte econômico-social é exatamente o que a gente precisa disputar na sociedade brasileira. Eu penso em mudar o território, afetar realmente a vida das pessoas, transformar”, afirma, entusiasmada. “Segurança pública não pode ser só operação policial. A ação de educação não pode ser um retorno presencial de qualquer jeito. Quero usar esse lugar de formada para ter legitimidade, dar visibilidade às ações que já existem e ajudar a formular novas iniciativas e políticas públicas”.

MOSAICO DE ATIVIDADES

Enorme população, cultura pujante e péssima qualidade de vida são algumas das características da Maré. De acordo com dados do Censo 2010 do IBGE, o conjunto de favelas era o nono bairro mais populoso da cidade do Rio de Janeiro, com 135.989 moradores. Se fosse um município, a Maré seria o 21º mais populoso do estado. Mais de 50% dos habitantes são jovens de até 30 anos. Razão que levou ao projeto mais recente de vacinação em massa dos moradores adultos da Maré. A imunização ocorre de 29 de julho a 1º de agosto e é parte de um estudo da Fiocruz para avaliar a proteção de uma população imunizada contra as variantes da covid-19.

CULTURA E CIDADANIA

Ainda nos anos 1980, a preocupação da universidade era levar cultura e cidadania à Maré. Uma das iniciativas foi a criação de uma colônia de férias para crianças. “A gente parava o ônibus, colocava todo mundo dentro e ia para o campus realizar atividades como jogos, teatro, gincanas”, relembra a professora Eleonora Ziller. Logo depois, a Escola de Educação Física e Desportos firmou parceria com a Secretaria Municipal de Educação para ser sede do Clube Escolar. Com oficinas de artes e esportes gratuitas, as crianças desenvolviam atividades em horário complementar ao escolar. O projeto ainda é ativo e atende 1.270 crianças das escolas públicas vizinhas ao Fundão, a maioria dos alunos é oriunda da Maré.

Anderson Machado foi uma das crianças atendidas ainda na década de 1980. “Foi a primeira vez que tive acesso à universidade. Muitos anos depois, continuei passar no vestibular para Educação Física. No primeiro dia de aulas, um outro aluno falou que tinha que botar mais cloro na piscina porque o pessoal da Maré tinha estado lá. Foi muito importante eu estar ali, naquele momento, e dizer que eu era morador da Maré e que tinha passado no mesmo vestibular que ele”, recorda.

No início dos anos 1990, um núcleo da Faculdade Nacional de Direito passou a auxiliar moradores a conseguirem o registro definitivo de seus imóveis na Maré. Era o embrião do que em 2006 se transformou no Niac – Núcleo Interdisciplinar de Ações para a Cidadania, com sede ao lado da Prefeitura Universitária.

AÇÕES SOLIDÁRIAS

Antonio Carlos Pinto Vieira, o Carlinhos, mora na Maré quando passou no vestibular da Faculdade Nacional de Direito, em 1982, e acompanhou de perto as primeiras iniciativas de aproximação da universidade com a comunidade. “Era um grande projeto chamado ‘Vamos entrar nessa Maré’, com iniciativas de várias áreas do conhecimento”, relembra. Ele é um dos fundadores do Ceasm,



o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. “Tivemos forte apoio da UFRJ para a instalação do nosso pré-vestibular comunitário, também por meio do convênio com a Faculdade de Letras, para curso de línguas para os moradores”. O Ceasm contabiliza mais de duas mil aprovações de moradores da Maré para as universidades.

Atualmente, a UFRJ é parceira do fórum “Favela Universidade”, que discute a inserção de jovens de favela na produção acadêmica brasileira. O projeto “Tecendo Diálogos” atua em diversas frentes. Uma delas é a construção de um banco de referências de produções acadêmicas de moradores da Maré e Manguinhos sobre suas comunidades. Outro braço é o GT de Saúde Mental dos moradores universitários. Também está sendo planejada uma jornada científica com trabalhos acadêmicos produzidos por moradores de favelas. “Além disso, estamos levantando dados para montar um grande mapa com informações de todos os pré-vestibulares comunitários do estado. A universidade precisa caminhar junto com a Maré. Não é um movimento de mão única, da universidade que contém o saber científico, mas uma via de mão dupla, em que a universidade também aprende, vai se desenvolvendo e abrindo outros caminhos na sua prática, na sua ação”, diz Carlinhos.

Há projetos também de arquitetura e urbanismo, de educação ambiental, de saúde e emancipação feminina, de apoio e prevenção à violência doméstica que envolvem variadas unidades da UFRJ. “A Maré tem muitos talentos acadêmicos, artísticos, talentos políticos, muitas lideranças. É preciso dar meios para que esses talentos todos levem o país para um mundo mais saudável e alvissareiro”, finaliza o professor Samuel Araújo.



TALENTOS DA MARÉ

Nos anos 2000, a Música passou a ser também um instrumento promotor de direitos e cidadania. Foram criados alguns programas, como “Música para Todos”, com aulas de introdução a instrumentos musicais e ao canto gratuitas na Maré; o projeto “Arte para Todos”, que tinha como tarefa preparar os jovens moradores da Maré para o Teste de Habilidade Específica do vestibular de Música; e o Musicultura, projeto que existe há 17 anos.

“A nossa proposta une elementos de antropologia com a pedagogia de Paulo Freire. A ideia é valorizar o conhecimento local, ao invés de a Escola de Música levar uma caixa de ferramentas. Nós somos mais os facilitadores da cultura tão massacrada pela realidade e abafada pelo senso comum que acha que lá só tem violência”, pontua o coordenador do projeto, professor Samuel Araújo. O bloco Se Benze que Dá foi um dos primeiros frutos do Musicultura em parceria com a Rede Memória, da Maré. O bloco é tradicional e desfila por todas as comunidades, no período do Carnaval, passando pelas fronteiras territoriais impostas pelas faixas que dividem a região. Daí o nome “Se benze, que Dá”.

Há projetos também de arquitetura e urbanismo, de educação ambiental, de saúde e emancipação feminina, de apoio e prevenção à violência doméstica que envolvem variadas unidades da UFRJ. “A Maré tem muitos talentos acadêmicos, artísticos, talentos políticos, muitas lideranças. É preciso dar meios para que esses talentos todos levem o país para um mundo mais saudável e alvissareiro”, finaliza o professor Samuel Araújo.



“A MARÉ
NÃO É VIOLÊNCIA,
É POTÊNCIA”

ÁLBUM DE FAMÍLIA



SILVANA (à direita) em manifestação nas escadarias da Alerj, em 2008

DEPOIMENTO | SILVANA SÁ JORNALISTA

A Maré tem violência, mas não só. Ela transborda vida. Múltiplos talentos ali convivem, mas não têm oportunidade. Eu saí daquele chão. Marielle Franco também. Fizemos curso pré-vestibular comunitário no Ceasm (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), fundado por jovens mareenses que conseguiram quase por milagre acessar a graduação na UFRJ. O motor que me possibilitou alcançar pequenas revoluções foi o mesmo que levou Marielle a ser o fenômeno que todos conheciam. Foi o mesmo que levou aqueles poucos universitários da Maré, ainda nos anos 1990, a multiplicarem o número de vizinhos com ensino superior. A universidade transformou nossas trajetórias, mas, por muito tempo, ela não passava de uma ilustre desconhecida.

Quando eu era criança, nos idos anos 1980, eu conhecia a Cidade Universitária como “Fundão”. Ir ao Fundão era ir ao “médico” e ao “caminho da perna seca”. A gente ia andando de casa para a consulta no hospital infantil (Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG). Já para jogar bola no campinho do Hospital do Fundão (Clementino Fraga Filho), às vezes dez, às vezes 15 crianças ocupavam o chão de uma kombi dirigida pelo pai da Rosane, minha amiguinha da Rua da Paz. Era nosso passeio mensal.

Os hospitais eram nossa referência, mas não sabíamos que eram universitários. Da laje lá de casa dava para ver o imponente Hospital do Fundão. Com seus 14 andares e então 220 mil metros quadrados (metade nunca funcionou, por isso foi apelidada de “perna seca”), o prédio sobressaía na paisagem de casas baixas. Hoje, a verticalização da favela tampou a nossa vista.

Apesar de estar ao alcance da visão, universidade era coisa muito distante do chão da favela. Só depois dos meus doze anos eu descobri que ali no Fundão existia a UFRJ. E que ali as pessoas estudavam para muitas coisas diferentes. Alguns amigos já frequentavam colônias de férias e o Clube Escolar, que funcionava nas dependências da Escola de Educação Física e Desportos. Eram os primeiros frutos de uma universidade e uma Maré que tentavam derrubar os muros invisíveis que as separavam.

Esses mais de 35 anos de ações e projetos de extensão demonstram inegáveis avanços nessa relação. Aos poucos, mais moradores se tornam alunos, contribuindo para transformar não só suas realidades, mas a própria universidade. A Maré não é violência, é potência que a UFRJ ajuda a construir e deve apoiar cada vez mais.



A universidade precisa caminhar junto com a Maré. Não é um movimento de mão única, da universidade que contém o saber científico, mas uma via de mão dupla, em que a universidade também aprende, vai se desenvolvendo e abrindo outros caminhos na sua prática, na sua ação”

ANTONIO CARLOS PINTO VIEIRA
o Carlinhos, um dos fundadores do Ceasm e ex-aluno da UFRJ

SBPC: 73 ANOS DE CELEBRAÇÃO DA CIÊNCIA

> Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência mostrou o vigor da produção científica do país. Após dois mandatos seguidos, professor Ildeu Moreira deixou a presidência

KIM QUEIROZ
comunica@adufjr.org.br

Celebrar e divulgar conhecimento. Com esse espírito aconteceu a 73ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre os dias 18 e 24 de julho. Foi o segundo encontro seguido inteiramente remoto. Com o tema “Todas as ciências são humanas e essenciais à sociedade”, o evento contou com uma programação que reforça o vigor científico do Brasil nos tempos de pandemia. Ao todo foram, 32 conferências, 52 mesas-redondas, 22 painéis, 4 sessões especiais, 3 oficinas de bate papo e 34 webminicursos em apenas uma semana.

A UFRJ esteve presente com 26 professores, entre palestrantes (15), conferencistas (2), coordenadores (6), apresentadores (4) e participantes (4). Aberta para toda a população, a Reunião Anual da instituição é considerada a principal mostra científica do país, e vem sendo realizada ininterruptamente desde 1949. Confirma a seguir algumas das mesas do encontro, que mostram a riqueza da produção científica brasileira nas mais diversas áreas do conhecimento.



ILDEU, UM MILITANTE DA CIÊNCIA COM DNA DA UFRJ

A sessão de abertura do evento, no dia 18, foi conduzida pelo então presidente da SBPC, Ildeu Moreira. Professor do Instituto de Física da UFRJ, Ildeu se despede do segundo mandato consecutivo à frente da instituição, realizado em boa parte durante a pandemia. Mesmo diante desse cenário, sua gestão articulou diversas ações em prol de ampliar os recursos destinados à Ciência brasileira, e foi marcada pelo enfrentamento direto às ameaças de corte orçamentário

do setor. “Nós agradecemos muito a todos os sócios, conselheiros, secretários regionais e a todas as entidades que nos apoiaram, porque essa tarefa da SBPC depende do trabalho coletivo de muita gente”, declarou Ildeu. “A nova diretoria será presidida pelo professor Renato Janine Ribeiro, professor da USP, que muito nos honra pela sua atitude de participar, se envolver e assumir esse cargo importante para o qual foi eleito”, finalizou Ildeu.

Renato Janine, ex-ministro da Educação, e a nova diretoria tomaram posse neste dia 23, e irão dirigir a Sociedade pelos próximos dois anos.



VACINAS BRASILEIRAS

Um dos principais debates no encontro foi sobre “Vacinas Brasileiras”, realizado no dia 20. “Nós pensamos no desenvolvimento da nossa vacina já tendo em mente o contínuo aparecimento das variantes”, comentou Luciana Jesus da Costa, professora associada do Departamento de Virologia, no Instituto de Microbiologia da UFRJ. A pesquisadora integra o grupo responsável pela elaboração da “UFRJ-Vac”, vacina da universidade contra a covid-19. Ela apresentou os estudos por trás da plataforma vacinal, baseada em RNA mensageiro, que tem como foco principal o Sars-Cov-2. “Nós pensamos em uma estratégia com três combinações diferentes, para termos qual dessas formas vai levar a uma maior resposta imune”, completou. A equipe se prepara para a próxima etapa da pesquisa, em que será verificada a resposta de animais frente a esses RNAs.

A mesa foi coordenada pela professora Lucile Winter, diretora da SBPC, e contou também com a participação do doutor Jorge Kalil, que apresentou dados de eficácia da vacinação ao redor do mundo. “Nos países com maior índice de vacinação,

o número de casos confirmados de covid-19 voltou a crescer recentemente, devido às variantes”, disse. Jorge, que é professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e Diretor do Laboratório de Imunologia (InCor), apontou que o número de mortos já não é tão grande quanto antes, mas ainda há muitos infectados. “É por isso que nós precisamos de mais vacinas, que sejam capazes não apenas de evitar o agravamento da doença, mas se possível evitar até mesmo a infecção. Ou seja, que o vírus não consiga permanecer no nosso corpo, para não continuar se disseminando”, explicou.

Já o professor Ricardo Gazzinelli, coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) em Vacinas, ressaltou a necessidade de o Brasil obter autonomia no desenvolvimento de vacinas. “Essa soberania é importante para essa pandemia mas também para possíveis situações futuras”, afirmou. Gazzinelli é um dos líderes do projeto que une a UFMG, a Fiocruz, a USP e o Instituto Butantan com o objetivo de desenvolver uma vacina contra a covid-19. “Hoje nós estamos terminando de fazer o lote piloto, e já submetendo então nossa proposta para a Anvisa. Esperamos que até o fim de I/II de segurança”, descreveu.

A PANDEMIA DAS INVERDADES

O contexto midiático durante a pandemia fomentou diversas questões para o campo da linguística. Com base nisso, o professor Marcus Maia, do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ, realizou no evento a conferência “Pandemia, infodemia e educação linguística”, no dia 19. A infodemia, tema central da sua apresentação, diz respeito à situação que se vive no mundo hoje de excesso de informações e propagação das fake news. “A OMS lançou no ano passado o seu primeiro Congresso de Infodemia, para debater essas questões. Já estamos agora na 4ª conferência, que tem a preocupação mais específica de como gerenciar e sobreviver a essa explosão de informações, muitas vezes inverídicas e manipulativas”, disse Marcus.

Ele comentou que assim como a pandemia impõe a necessidade de uma vigilância epidemiológica, a infodemia exige uma vigilância epistemológica. “Precisamos ser capazes de desenvolver raciocínio analítico



e pensamento crítico que nos tornem imunes à manipulação da informação”, ressaltou. Marcus apresentou o impacto de diferentes metodologias didáticas na formação de alunos do ensino básico brasileiro. “Nos testes comparativos internacionais, a exemplo do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o Brasil vem sempre obtendo resultados muito baixos em leitura, matemática e pensamento científico”, apontou. Segundo ele, a transição educacional é o único caminho para se aprimorar a capacidade de discernimento da população. “A proposta que fazemos é que a linguagem seja uma ferramenta epistêmica, que possa realmente desenvolver essas capacidades mentais de conhecimento que todos alunos têm”, completou.



ECONOMIA ECOLÓGICA

Qual caminho seguir para construir uma economia ecologicamente sustentável? Esse dilema norteou a palestra “Recuperação Econômica, Meio Ambiente e Covid-19: Prospectos



para o Brasil e o Mundo”, dada por Carlos Eduardo Frickmann Young, professor do Instituto de Economia da UFRJ, no dia 21. “A pandemia de covid-19 exacerbou todos os problemas que nós já tínhamos em relação à sustentabilidade: ela expôs as crises ambiental, social e econômica que o país já estava atravessando”, apontou. Coordenador do Grupo de Economia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (GEMA), Carlos apresentou a necessidade de uma “retomada verde da economia”. “É quando a economia recupera o seu nível de atividade através da melhoria do bem estar humano e da equidade social, reduzindo riscos ambientais e ecológicos”, explicou. Segundo Carlos, o atual modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil tende a uma crise ambiental permanente. Para isso, o professor propõe uma abordagem mais eficiente dos recursos naturais, tendo em vista os grandes problemas na área ambiental, como as mudanças climáticas e a redução da biodiversidade. “Mas essa transição não vai acontecer espontaneamente pelo mercado. Para garanti-la é necessário que haja uma participação ativa do Estado”, ressaltou. Em seus estudos, o GEMA tem hoje como base teórica uma “Macroeconomia Pós-Keynesiana Ecológica”. “A gente tenta recolocar as questões básicas da escola Pós-Keynesiana em um contexto onde o meio ambiente importa”, completou.

CNPQ FAZ 70 ANOS

O encontro da SBPC abraçou também a comemoração dos 70 anos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). “A SBPC tem uma relação intrínseca com o CNPq, que é a casa do pesquisador. A ciência brasileira hoje vive momentos difíceis, mas estamos todos juntos. Somos todos CNPq!”, disse Ildeu Moreira, então presidente da SBPC. Na live, realizada no dia 19, um vídeo institucional apresentou a história da entidade, fundada em 1951 como “Conselho Nacional de Pesquisa” para ser uma estrutura central de fomento à pesquisa no país. O Presidente do Conselho, Evaldo Vilela, destacou o valor da instituição para o progresso científico e social do país. “É impossível nós termos um futuro como nação soberana e com um enfrentamento da desigualdade social, como é preciso no Brasil, sem a pesquisa e o desenvolvimento científico e tecnológico”, afirmou.

Debate levanta suspeitas sobre aplicativo SouGov.br

> Em encontro promovido pela ADUFABC, especialista alerta para os riscos da parceria entre o governo federal e a multinacional IBM, com uso indevido de dados de milhares de servidores públicos

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Tema que vem gerando muita polêmica no Serviço Público Federal, a parceria do novo aplicativo do governo SouGov.br com a

multinacional de informática IBM levanta questionamentos sobre os riscos de mau uso das informações pessoais dos servidores. “A IBM terá acesso às nossas dívidas, nosso estado de saúde, nossa situação funcional, quem são nossos filhos. E poderá mesclar isso, mais à frente, com biometria, acompanhar nossas viagens ou onde estamos”, critica o professor Sérgio Amadeu, da Universidade Federal do ABC (UFABC). “Quem garante que esses dados não serão usados para novos produtos?”. O docente debateu o delicado tema da privacidade digital durante evento promovido pela Associação Docente da universidade paulistana, na quinta-feira (22).

O compartilhamento de dados pessoais do funcionalismo civil e militar brasileiro para uma empresa privada fora do país é inédito, destaca o professor da Federal do ABC. A novidade está prevista no contrato de uso do SouGov.br. “Eles dizem que os dados serão destruídos depois de trinta dias, o que não faz o menor sentido. Exceto se eles forem utilizados para treinar os algoritmos de aprendizado de máquina da IBM ou nos algoritmos que é o Watson, um supercomputador de inteligência artificial”, argumenta Sérgio



As universidades têm toda a condição de ter seus próprios sistemas de dados, não precisam entregá-los para negociatas”

SÉRGIO AMADEU
Professor da UFABC



Amadeu. O objetivo final, de acordo com o docente, seria a substituição gradual do atendimento humano por um serviço de teleatendimento robotizado.

A preocupação sobre o poder que empresas e governos adquirem se apropriando de enormes volumes de dados pessoais da população não é assunto de ficção científica. “É sabido que as diferentes plataformas coletam informações, tratam dados e criam uma identidade móvel. Por exemplo, o que o Facebook sabia sobre mim há cinco anos não é o mesmo que sabe hoje”, completa o docente. “Estão aperfeiçoando o perfil porque querem me tornar vendável, me colocar em amostra, para oferecer àqueles que são seus clientes, que são as empresas que aplicam conteúdos pagos, marketing, publicidade e quem mais quiser pagar para disseminar conteúdos”.

Militante das causas pela inclusão digital e software livre, Amadeu recomenda a não instalação e até a desinstalação do aplicativo. E também defende o engajamento do Sindicato Nacional dos Docentes (An-

des) em uma campanha para manutenção do Sigepe Mobile — sistema anterior, desativado pelo governo no início de junho. “Essa história de que as grandes empresas já têm todas as informações não é verdade”, acrescenta o docente, enfatizando a precaução em relação à autonomia universitária. “As universidades têm toda a condição de ter seus próprios sistemas de dados, não precisam entregá-los para negociatas”.

SINDICATO DIZ QUE INTERESSE PÚBLICO NÃO É O FOCO

Para o advogado do Andes, Leandro Madureira, a alteração mira o consumo. “É bastante nítido que o principal interesse nessa transferência de dados e robotização que nos é imposta é nos condicionar naquilo que consumimos”, avalia. Nesse sentido, afirma ele, o aplicativo desvia a função do interesse público: “Tem uma modificação de gestão no acesso do servidor aos próprios dados, como informações funcionais relacionadas a contracheque, carreira etc., em que essas informações não visam a que esse servidor consiga

se localizar no seu andamento laboral, mas sim a um serviço diverso com interesses privados de uma empresa”.

Por outro lado, Leandro considera que a convergência digital de serviços é uma tendência. “Aqui a gente está falando sobre a nossa vida como um todo. O SouGov.br provavelmente vai ter inclusive conexões com aplicativos que já utilizamos na vida ordinária, sobretudo nas instituições financeiras”, aponta o advogado. Ele acrescenta: “A maioria de nós hoje exerce sua vida financeira bancária de maneira totalmente automatizada pelo aplicativo de celular, com a utilização inclusive de dados biométricos para bloqueio do celular ou desbloqueio da conta corrente. Isso é o comum e realmente facilita muito a vida”.

A Associação dos Docentes da Universidade Federal do ABC quer o Andes mais atuante em relação ao SouGov.br. Vice-presidente da entidade e mediadora do debate, a professora Luciana Palharini reforçou os argumentos favoráveis a uma alternativa pública e soberana para a proteção dos dados privados dos docentes. “É necessário que as condições e riscos fiquem explícitos e isso não está sendo feito pelo governo federal”, opina.

Luciana expressou ainda preocupações em relação ao perfil do novo aplicativo “dentro da agenda política da reforma administrativa em curso”. “Algo que nos preocupa muito é a deturpação das funções de servidores que trabalham com recursos humanos e gestão de pessoas”, afirma a docente. “Inclusive, toda a relação de atendimento desqualificado para o tratamento dos nossos dados, solicitações e trâmites”.

NOTAS

MOÇÃO DE LOUVOR À FAPERJ É APROVADA NO CONSUNI

O Conselho Universitário aprovou por unanimidade, na sessão do dia 22, uma moção de louvor à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelos investimentos feitos nas áreas de Ciência, Tecnologia e Inovação no período da pandemia. A moção foi aprovada no Conselho de Coordenação do Centro de Ciências da Saúde e proposta ao Consuni pelo decano do CCS, professor Luiz Eurico Nasciutti. “Apesar da pandemia, da crise econômica e da falta de apoio do governo federal, estamos vendo que a Faperj tem tido um

papel muito importante para a Ciência, Tecnologia e Inovação no Rio de Janeiro”, defendeu o professor. “Resaltamos ainda os relevantes resultados, recentemente divulgados pela imprensa, mostrando a importância da necessidade do apoio contínuo da Faperj às áreas da Ciência, Tecnologia e Inovação desenvolvidas no estado”, diz o texto da moção.



FILME RESGATA A HISTÓRIA DA REVOLTA DE MANOEL CONGO

Foi lançado esta semana o filme “Azangule: o Levante”, de Pedro Sol e Dani Balbi (foto), professora da Escola de Comunicação da UFRJ. O filme conta a história da Revolta de Paty do Alferes, também chamada de Revolta de Manoel Congo. Na ocasião do lançamento, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) promoveu um debate virtual com os realizadores do longa. “O cinema sempre tomou para si, nos momentos mais difíceis, a responsabilidade de se constituir enquanto uma vanguarda progressista. E nos



momentos de maior risco à democracia, nós vemos a arte se reintricheirar”, disse a professora durante a conversa. O painel também contou com a participação do cineasta Silvio Tendler e da ativista Anielle Franco, diretora do Instituto Marielle Franco. “Azangule” foi filmado este ano, com financiamento garantido graças à Lei Aldir Blanc.

PARTICIPE DAS ELEIÇÕES DA AdUFRJ, ATUALIZE SEUS DADOS

Nos dias **13, 14 e 15 de setembro**, serão realizadas as **eleições** para a **diretoria** e **Conselho de Representantes** da **AdUFRJ**.

INSCRIÇÕES DE CHAPAS VÃO ATÉ O DIA 12 DE AGOSTO



Para receber todas as informações, atualize seus dados por meio do **QR code** ao lado ou do **link** abaixo:



<https://bit.ly/atualizacaoadufjrj>

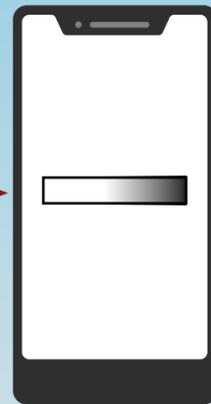
Passo a passo



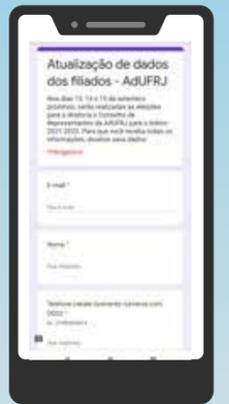
1. aponte a câmera do celular para o QR code



2. foto QR code



3. decodificando



4. site

Você também pode enviar seus dados para o email **secretaria@adufjrj.org.br** para o Whatsapp da AdUFRJ, **(21) 99365-4514** ou telefonar para os celulares **(21) 99365-4514 / 99808-0672**

